

## **O PSOL nas ruas com os estudantes e trabalhadores**

As gigantescas passeatas de junho mudaram o Brasil. O movimento de massas entrou em cena, protagonizando as maiores mobilizações da nossa história. Dilma, governadores e prefeitos foram abalados, pois são os responsáveis pelos problemas que produziram a indignação atual. O parlamento, a falsa democracia dos ricos e os partidos da ordem (PT, PMDB, PSDB, PCdoB, PTB, PSD, PSB) também foram afetados, pois existem para manter os agentes do Capital no poder.

Nada será como antes. Mudanças estão acontecendo por conta dos protestos. Em dias se concentram anos de aprendizado e experiência política permitindo um avanço no nível de consciência e politização dos manifestantes. Por isso, o cenário em que acontecerá o IV Congresso do PSOL é favorável para a esquerda e os movimentos sociais classistas.

Após as jornadas de junho, o bloco da luta se fortaleceu. Milhões questionam a ordem estabelecida e chegam à conclusão de que a luta coletiva pode obter vitórias, como no caso da redução das tarifas dos transportes. O povo já não suporta mais viver massacrado como antes e os poderosos já não podem seguir governando como até então. O que explica que uma infinidade de passeatas e protestos continue acontecendo de forma descentralizada e que a classe trabalhadora se incorpore ao tsunami de lutas que percorre o Brasil.

As manifestações massivas, radicalizadas e vitoriosas demoliram as teses da atual direção majoritária do PSOL: não há um governo forte, nem um regime político estável e não vivemos um período de defensiva das lutas sociais. Essa visão cética, descrente do poder dos manifestantes, só serve para justificar a atuação recuada e pró-Dilma da atual maioria da direção do Partido. O que comprova, mais uma vez, que aqueles que fazem da luta institucional seu centro e pretendem colocar o PSOL a reboque do PT não servem para comandar nosso partido.

Nas ruas está se demonstrando que a política governista e petista do senador Randolfe e do deputado Ivan Valente precisa ser derrotada para que o PSOL se mantenha com uma alternativa de esquerda e socialista. Isso é fundamental, pois esse ano completam os 10 anos da expulsão dos Radicais do PT (Babá, Luciana Genro, João Fontes, Heloisa) e as ruas deram razão ao projeto original do PSOL, cujo programa e estatuto nós defendemos.

O PSOL precisa de uma nova direção para intervir nacionalmente com propostas coerentes com a radicalidade revolucionária exigida pela situação. Para isso, deve superar a lógica meramente eleitoral e parlamentarista, adotar um perfil militante e propor bandeiras de ruptura com o sistema capitalista.

### **I - As Jornadas de Junho mudaram o Brasil**

Como reflexo de uma situação política e econômica cada vez mais insustentável, uma imensa rebelião popular tomou conta do país no mês de junho, aprofundando qualitativamente a situação da luta de classes em favor dos trabalhadores e do povo pobre. Começou com o transporte público, onde o povo nas ruas fez baixar o valor das passagens em quase todas as cidades do país. Mas, um questionamento muito maior partiu daí, e as mobilizações passaram a enfrentar globalmente as instituições do regime democrático-burguês. O processo aberto em junho segue, e não há dúvidas que muitas lutas se avizinham. Os governos estão desnorreados e recuam, os “de baixo” estão na ofensiva. Exemplo disso foi o Dia Nacional de Lutas no dia 11 de julho onde, apesar das tentativas da burocracia sindical em fazer uma mobilização “chapa branca”, os trabalhadores brasileiros demonstraram enorme disposição para lutar contra os planos de ajuste dos governos.

O agravamento da crise econômica no Brasil foi sem dúvida importante pano de fundo das mobilizações. Da “marolinha” a crise econômica atual. Em 2012, o PIB cresceu 0,9%, forte desaceleração da indústria, aumento da inflação, endividamento das famílias. O Governo Dilma bate recordes em corrupção, bilhões são desperdiçados nos estádios da Copa e a FIFA manda no governo.

### **As Jornadas de Junho são parte da rebelião mundial**

Com a crise econômica mundial em 2007 e os duros ataques da burguesia, houve um salto na luta e organização dos trabalhadores e do povo. Da China aos EUA, Chile, Grécia, Portugal, Espanha, Egito, Turquia. São milhões que no mundo se levantam e enfrentam os planos de ajuste que o imperialismo e a burguesia pretendem impor para que os trabalhadores e os povos paguem pela crise. Derrubam ditadores sanguinários como no norte da África, enfrentam a repressão. Em 2013 acontece a queda do presidente Mursi da Irmandade Muçulmana no Egito, a rebelião do povo turco contra o governo, a continuidade da revolução síria e novas greves gerais na Europa, se combinam com as Jornadas de Junho no Brasil. Tendo em vista o peso político do Brasil na América Latina, não temos dúvidas que o processo aberto em junho impactou profundamente o continente. O enfraquecimento do PT no Brasil foi fundamental para diminuir o seu peso em todo continente, dificultando sua atuação.

## **Junho foi o ponto culminante de um processo que começou no início do Governo Dilma**

As Jornadas de Junho não foram um “raio em céu claro” como o governo quer nos fazer crer. A situação já vinha mudando há mais de dois anos. As organizações da esquerda que analisaram superficialmente a situação política, apenas pelas pesquisas de popularidade da presidente, foram pegadas de surpresa. Coerentes com sua visão equivocada, diziam que não podíamos ter uma política de oposição frontal à Dilma ou que não era possível lutar contra governo e a patronal devido a uma suposta “correlação de forças desfavorável”. Reféns dessa análise equivocada, sindicatos dirigidos pela esquerda, como dos metalúrgicos de São José dos Campos (PSTU/Conlutas), chegaram a assinar um acordo com a patronal que rebaixou o piso da categoria de R\$ 3100 para R\$ 1800, sem chamar greve.

A realidade da luta de classes passava distante do que diziam. A partir da luta operária em Jirau em 2011, rebeliões tomaram conta dos canteiros de obra do PAC e da Copa. Como reconheceu o colunista da Folha de São Paulo, Vladimir Safatle: *“Se procurarmos um ensaio geral para as manifestações de junho, deveríamos voltar os olhos para a Amazônia. Lá se encontra o megacanteiro de obras da usina de Jirau: uma das peças principais da política energética brasileira.”* (Folha de SP, 16/07/2013). O número de greves em 2012 foi o maior desde 1996 com 873 greves.

## **II - A mentira governista do “Golpe da Direita”**

Quando o movimento de massas tomou as ruas em junho, o governo petista e as direções da CUT, UNE e MST, começaram a difundir a ideia de que as manifestações eram “conservadoras”, “pautadas pela mídia golpista”. Enquanto isso, a realidade das ruas passava distante das mentiras dos governistas. Milhões de pessoas se mobilizaram para exigir transporte, saúde e educação. Ao contrário do que queriam os governistas, as Jornadas foram apenas o pontapé inicial desta partida em que os trabalhadores e o povo entraram em campo e estão cada vez mais fortalecidos para lutar contra a política neoliberal e privatista do governo PT/PMDB.

Após 10 anos de traições e roubalheira do governo petista combinado com a piora das condições de vida da maioria da população, sem termos uma alternativa de esquerda com influência de massas, um amplo setor do povo, nas ruas, rechaçou as bandeiras de partidos. Isso se volta essencialmente contra os partidos da ordem e representam um sentimento progressivo contra o regime político da burguesia. A negação do “velho” é o primeiro passo para a afirmação do “novo”. O centro na disputa dos rumos das mobilizações são as bandeiras de luta, as palavras de ordem que podem mobilizar as massas contra os governos. Setores da esquerda, como o PSTU, fizeram da disputa pelas suas bandeiras o seu centro e com isso, em alguns lugares se unificaram em “colunas vermelhas” ao lado do PT e PCdoB em nome da “unidade da esquerda”, ajudando de fato ao governismo.

## **Construir uma nova direção ao calor das lutas**

Ao redor do mundo heroicas ações de massas ainda não se converteram em governos dos trabalhadores e do povo pela ausência de uma direção socialista revolucionária. O Egito é o

maior exemplo disso; 17 milhões tomaram as ruas, derrubaram o presidente, mas quem assumiu o poder foi um militar que vai seguir governando para os ricos. Obviamente, que as Jornadas de Junho também tiveram este importante déficit. A ausência de um programa claro e unificado, que busque saídas de fundo, impede as mobilizações de avançar para impor um governo dos trabalhadores e do povo pobre, que exproprie a burguesia e possa assim investir maciçamente nas necessidades reais do país como transporte, saúde e educação. Construir uma nova direção revolucionária enraizada em cada luta é o desafio.

### **III - Um regime decadente e governos cada vez mais fracos**

Na abertura da Copa das Confederações Dilma foi vaiada. Depois veio o desgaste dos governadores e prefeitos responsáveis pelos aumentos das passagens ou pela repressão. São Paulo é emblemático. O povo estava nas ruas. Haddad dizia que era “impossível” reverter o aumento. Alckmin dizia que a polícia agia com “eficiência”, enquanto cenas de ditadura eram vistas por todo o Brasil. O Governo Federal oferecia tropas do exército. Todos juntos defenderam com balas de borracha e gás o lucro dos empresários. O resultado foi que todos saíram derrotados.

O desgaste do Governo Dilma se aprofundou com a privatização de aeroportos, portos e rodovias. Dilma desferia brutais ataques às lutas sociais. Os Servidores Públicos Federais protagonizaram a maior greve da última década, unindo 37 categorias em 2012. As velhas direções, sobretudo a CUT saíram desgastadas. 72% dos brasileiros disseram não confiar no Congresso Nacional e 50% não acredita no judiciário.

### **IV - A unidade da esquerda não se faz com governistas**

O PT, o PCdoB e seus braços no movimento (CUT, UNE, MST) tiveram uma tarefa central para desarmar as lutas: agitar a necessidade de “unidade da esquerda contra a direita”, com o objetivo de trazer para o seu campo os setores da oposição de esquerda ao governo.

Infelizmente muitos setores da esquerda acabaram caindo na armadilha dos governistas. O PSTU deu exemplo do que não se deve fazer. Em 21/06, após as maiores manifestações da história, reuniram-se organizações governistas e também da oposição de esquerda para discutir o que fazer frente às mobilizações. Em nome da “unidade para que a direita não tome conta das manifestações”, Zé Maria, do PSTU, formou uma mesa ao lado de Rui Falcão, presidente do PT, e Orlando Silva, ex-ministro dos esportes afastado por corrupção, vinculado ao PCdoB. Nenhuma denúncia pública foi feita pelo PSTU do papel do PT e do PCdoB em tal reunião. Na reunião das centrais sindicais com Dilma, a CSP-Conlutas, ao invés de denunciar a política do governo e das centrais governistas na reunião, entrou muda e saiu calada.

A verdadeira unidade que precisamos é com os trabalhadores e a juventude que toma as ruas, com um programa para derrotar o Governo Dilma e seus agentes no movimento.

### **V - É necessária uma reviravolta no partido**

O PSOL é o único partido da esquerda brasileira que tem um programa e um projeto para responder à atual situação e oferecer uma expectativa de mudança real para a juventude, para os trabalhadores e setores populares.

Somos visualizados por setores ainda pequenos da população como uma alternativa socialista e de luta. Temos visibilidade pela presença no parlamento e, sobretudo pela atividade que no dia a dia constroem seus militantes na luta contra a exploração.

No entanto, estamos longe de sermos uma alternativa como a que precisam os trabalhadores e o povo brasileiro. Em nossa opinião, não tem a ver com falta de estrutura ou de implantação do partido. O PSOL não consegue ter uma clara identidade para os trabalhadores e a juventude como um partido oposto a toda a politicagem, oposto ao PT e ao governo Dilma, como política sistemática e consequente, de esquerda e de classe. Um partido que expresse a radicalidade manifestada nas ruas nas jornadas de Junho, que seja porta voz da sua agenda de mudanças.

Pela política de sua direção majoritária - Dissidência da APS- que teima em colocar o partido como “ala esquerda” do governo corrupto e neoliberal do PT/PMDB, o PSOL não conseguiu aparecer como uma clara alternativa da esquerda socialista, oposta em primeiro lugar ao governo do PT/PMDB, mas também rejeitando a antiga direita tucana. Também, pelo eixo quase exclusivo da participação do partido no parlamento e na institucionalidade, o PSOL não tem uma política que ajude sua militância a intervir no movimento de massas.

### **Nas jornadas de junho evidenciou-se o fracasso da atual direção majoritária**

Assim como o governo Dilma, que ficou perplexo e paralisado frente aos milhões de jovens e setores populares que saíram as ruas, a Dissidência ficou paralisada. Somente depois do ápice das mobilizações (20 de Junho) é que conseguiu reagir timidamente, convocando para 24/06 a primeira reunião da Executiva sem que até essa data tenha aparecido nenhuma declaração oficial apoiando a luta e chamando às ruas. Enquanto os militantes, alguns diretórios regionais, diversas correntes e a maioria dos parlamentares participavam ativamente, e estavam nas ruas e nas barricadas levando as bandeiras do PSOL, oficialmente o PSOL ficou MUDO. Nem declaração, nem panfleto, nem nota, NADA.

Destacamos e parabenizamos o conjunto da militância psolista que soube se localizar rapidamente ao lado do povo e saiu às ruas, assim como também parabenizamos aos companheiros e ao prefeito Gelsimar de Itaocara que, logo que assumiu organizou os jovens para instituir o passe livre para estudantes que está em vigor desde primeiro de abril.

Após a declaração correta da Executiva rejeitando o Pacto de Dilma, e após votação por maioria rejeitando a reunião com a presidente, Randolfe da direção da Dissidência correu ao Planalto para declarar apoio ao plebiscito e saiu na foto sorridente junto a Dilma. No momento de maior crise do governo, quando sua popularidade estava despencando e o plebiscito “armadilha” para recuperar fôlego era derrotado, o PSOL apareceu aos olhos das massas, como o partido da esquerda que oferecia apoio contrariando a voz da rua e a decisão democrática da sua executiva.

Não é a primeira vez que a Dissidência se coloca do lado do governo. Na campanha eleitoral de 2012 Lula e Dilma foram levados ao Programa de TV do PSOL/Belém para apoiar a candidatura de Edmilson, envergonhando a sua militância de norte ao sul do país. Como retribuição Randolfe gravou programa de TV apoiando o candidato do PT para prefeito em Rio Branco (AC), contrariando as resoluções do PSOL regional.

### **Dissidência e Randolfe: Uma trajetória de colaboração de classes!**

Em Macapá, o PSOL através de Clécio Luis, na época candidato a prefeito, e o senador Randolfe, selaram uma aliança no segundo turno com o que há de pior na política nacional: DEM, PSDB e PTB. O PSOL amapaense, e Randolfe, apoiaram o corrupto candidato do PTB a prefeito de Santana. Em Amapá está o núcleo de decisões da atual direção majoritária do PSOL, pois é a partir dali que se elabora a política e se desenham as alianças. Dali nasceu a proposta que se impôs no III Congresso do PSOL, de ampliar o arco de alianças para os governistas: PT, PCdoB, PSB, PDT, PV. Nada menos que todos os partidos rejeitados nas ruas nas jornadas de junho! Esta é a política que a esquerda socialista rejeita e que chamamos a mudar no IV Congresso, resgatando nosso programa de fundação onde afirma: *Nossas alianças para construir um projeto alternativo têm que ser as que busquem soldar a unidade entre todos os setores do povo trabalhador [...] Por isso, nosso partido rejeita os governos comuns com a classe dominante.*”

### **Partido eleitoral ou partido de luta?**

Não duvidamos da importância que tem a luta eleitoral para os socialistas. Trata-se de um terreno de disputa que nos permite dialogar com o movimento de massas e nos apresentar como partido com nossas propostas para milhões de pessoas. Ter parlamentares nos dá uma grande visibilidade para a construção do partido e a divulgação de nossa política. Mas, daí a centrar toda a atividade na luta institucional há uma distancia enorme.

Seguimos pensando como marxistas, que o estado burguês é o “Comitê dos negócios do Capital”. O Estado e suas instituições (governo, parlamento, forças armadas, justiça) são criados a serviço de perpetuar os capitalistas no comando da economia e do poder político. Para a Dissidência, assim como para os petistas o estado burguês seria um terreno neutro que a depender de que setor governe podem mudar de conteúdo. Esta concepção leva a que a direção esteja ausente das jornadas de Junho; que o partido não tenha vida no dia a dia, nem panfletos nem jornal nem atividades centralizadas que não seja na véspera dos congressos e das eleições. Se dilui o caráter militante socialista para ser substituído pelo partido de filiados. Estes, não precisam militar, basta preencher a ficha e concorrer a uma plenária a cada dois anos que são habilitados para votar. O partido da massa de manobra.

### **Para uma virada nos rumos do partido é necessária uma nova direção**

O PSOL precisa retomar seu projeto original. Para isso, em primeiro lugar, deve votar um programa de luta para o próximo período em sintonia com as necessidades do povo expressas nas jornadas de junho. Em segundo lugar, deve se colocar a serviço das lutas, da organização e mobilização da juventude e dos trabalhadores. Deve ter pronunciamentos sobre os principais fatos da realidade que sirvam para armar politicamente os militantes. Editar panfletos, cartazes, jornais para alimentar a atividade política cotidiana de seus militantes. Deve lançar sistematicamente campanhas políticas que identifiquem o PSOL como partido de luta e combate. Deve votar uma política de alianças que exclua os partidos de governo e da ordem capitalista. E deve também deliberar sobre uma candidatura a presidente que expresse o projeto original do PSOL que está em sintonia com as jornadas de junho.

Neste sentido, nossa tese sustenta e defende a companheira Luciana Genro como candidata a Presidente, pois reúne qualidades políticas e de trajetória que a habilitam para representar o PSOL na disputa de 2014, além, é claro, do fato de ser jovem e mulher o que também tem uma simbologia que não devemos menosprezar.

### **Conjuntura Estadual**

O ano de 2012 iniciou com a resistência popular e a invasão policial ao Pinheirinho, uma forte luta no estado que envolveu não só a vanguarda e as forças da esquerda como também afetou toda a conjuntura desse período. A violência policial, judicial e do governo foi impressionante, a derrota foi forte, mas logo foi possível de perceber que foi um tiro no pé, pois a ação tinha como objetivo não apenas recuperar a área para o grande capital imobiliário e valorizar os terrenos da classe média alta da região senão acabar com o mal exemplo das ocupações e resistência crescente dos movimentos sem teto do estado de SP. A burguesia recuperou a terra, mas a um ano e meio não tem investimento claro que justifique a brutalidade nem a pressa pela invasão policial. É um fato que foi a gota d’água que derrubou eleitoralmente o prefeito do Psdb parafusado no trono por 16 anos. Também é um fato que desgastou e desestabilizou o governador Alkmin. O retrocesso do movimento de massas foi temporário, logo a greve das universidades e dos servidores federais deram a tônica ao movimento assim como outras categorias de serviços e do setor privado.

2013 começou no Estado com outro fato que marcava um signo negativo, o acordo rebaixado na GM de São José dos Campos que trouxe por 2 ou 3 meses desconsolo aos trabalhadores metalúrgicos do Estado assim como para todos os trabalhadores das fábricas da região e em menor medida para o conjunto do país, dando pé ao início da aplicação nos fatos do ACE e de maior pressão do governo nacional e estadual para terceirizar e privatizar. Novamente a conjuntura tomou um rumo direcionado a luta com a greve dos professores da rede estadual. A greve foi avançando aos poucos desafiando a direção burocrática e pelega da Cut/PT. Mesmo que a greve foi parcial e para muitos trabalhadores foi a greve das sextas-feiras foi um movimento poderoso, os manifestantes convergiram e pressionaram para unificar com os professores do município de SP contra o pedido expresso da direção de ambos sindicatos que pretendia dividir e entregar o movimento desde o início. A saúde estadual também entrou em greve a pesar da direção também jogar contra. As manifestações na Paulista se converteram num símbolo que

depois foi tomado pelos estudantes na luta pelo passe livre. Toda sexta as manifestações eram manchete nacional de jornais escritos e na TV, a cidade de SP parada repercutia na consciência de milhares ou talvez de milhões de pessoas. Embora a greve terminasse sem nada, numa manobra burocrática lamentavelmente apoiada por setores da esquerda, iniciou-se um processo ainda incipiente de rebelião nas bases da categoria expresso a disposição de luta dos professores mais novos na rede, a categoria "O". A raiva de milhares de ativistas, a tentativa dos mais exaltados de botar fogo no caminhão de som, o fato da Bebel e outros sindicalistas saírem escoltados pela PM e a posterior passeata de mais de 2 mil pessoas atestava esse fenômeno.

Com as passeatas do passe livre iniciadas em 03 de junho, SP passou a ser o epicentro da cena nacional, as manifestações, sobre tudo dos estudantes estremeceram o país, a repressão brutal e indiscriminada do dia 13 provocou uma rebelião nacional em defesa dos manifestantes de SP. Dos 20 centavos se passava a um amplo programa de reivindicações levantado espontaneamente por milhões de pessoas. Dia 17 o movimento derrubava a tarifa do transporte e se nacionalizavam as manifestações. Dia 20 os manifestantes ocuparam as ruas e paralisaram o país e o governo durante mais de um dia.

Alkmin, que saía bastante desgastado da eleição, sofreu com as greves dos funcionários estaduais, levou um duríssimo golpe quando teve que recuar e quase que pedir desculpas em relação a repressão da PM, e depois quando foi forçado a reduzir a tarifa do transporte. Haddad, que era apresentado como o triunfo eleitoral do PT despencou a velocidade supersônica, abraçado a Alkmin e bebendo vinho francês em Paris apareceu para milhões como "farinha do mesmo saco", colado a Dilma caiu com ela nas pesquisas. Resistiu mas recuou na tarifa, perdeu os anéis para não perder os dedos.

O Psol saiu bastante fortalecido das urnas em 2012, cresceu significativamente sua influencia em muitos municípios, foi bem votado e elegeu vereadores. Mas, a atuação neste ano enquanto partido foi fraca e difusa e numa espetacular situação política, quando SP era epicentro das lutas, o Psol sumiu. A direção majoritária ficou paralisada. A participação nas lutas e a bravura de muitos militantes psolistas não podem esconder a falta de ação e iniciativa de sua direção estadual e nacional. Para que os jovens não continuem gritando "sem partido" o Psol tem que ir para rua e se converter no partido das lutas e não só do parlamento e das eleições. A maioria dos manifestantes, estudantes ou trabalhadores não se sentem representados por nenhum partido, não se trata de chama-los de reacionários nem de culpar a direita é melhor entender que devemos mudar os rumos, a política cotidiana e o acionar do Psol para ajudar a constuir uma nova direção política que aponte no caminho da luta revolucionária e do socialismo. Muitas revoluções democráticas, políticas e até sociais se iniciam em vários países de mundo mas a maioria se perde ou empantana por falta de uma direção política consequente com a luta do trabalhadores e do povo. E bom aprendermos com as lições da história.

Propomos que o congresso do PSOL delibere um programa de luta e de ruptura, e neste sentido propomos:

- Abaixo o pacto de ajuste econômico de Dilma e dos governadores
- Dinheiro pra saúde e educação, não para a Copa! Ruptura com a FIFA!
- Não ao pagamento da Dívida Pública! Auditoria e Fim do superávit primário!
- Auditoria nos contratos com a FIFA e empreiteiras!
- Aumento de salário e melhores condições de trabalho!
- Fim das privatizações! Pela revogação das OS's e EBSERH! Que a mesma quantia gasta na Copa e Olimpíadas seja investida imediatamente nos hospitais e escolas públicas!
- Auditoria de todas as empresas concessionárias do poder público!
- Revogação dos contratos, passe-livre imediato para estudantes! Municipalização do transporte com tarifa zero!
- Taxação das grandes fortunas destinando esses recursos para o transporte público e estatal!
- Anulação da Reforma da Previdência!
- Contra a criminalização das lutas! Plena liberdade de greve e manifestação! Pela imediata aparição com vida do ajudante de pedreiro Amarildo, sequestrado na Rocinha pelas forças policiais do governo Cabral!
- Reforma Agrária já! Chega de assassinatos no campo!

- Contra as Hidroelétricas de Belo Monte, do complexo Tapajós e de todos os grandes projetos em áreas habitadas pelas comunidades tradicionais, pelos povos indígenas e quilombolas!
- Pela demarcação imediata de todas as terras indígenas e contra a retirada da Constituição Federal do capítulo referente aos direitos dos povos indígenas
- Fora Feliciano! Apoio às reivindicações dos movimentos LGBT e feministas!
- Fora Renan! Fora Henrique Alves! Cadeia para os mensaleiros!
- É necessário lutar por uma Assembléia Constituinte livre e soberana para reorganizar o país econômica e politicamente. Que seja debatida amplamente na sociedade a necessidade da ruptura com o fardo da dívida pública e de todos os pactos e acordos que nos submetem ao imperialismo, assim como um plano econômico que parta de investir o enorme potencial econômico do país a serviço das necessidades da sua população. Que reorganize a nação a partir do fim do anacrônico, antidemocrático e elitista Senado, por uma Câmara Única proporcional – que o salário dos políticos em exercício seja votado em plebiscito e vinculado ao salário mínimo – pelo fim do sigilo telefônico, fiscal e bancário de todos os políticos com cargos eleitos e com cargos no governo/s – pelo fim da imunidade parlamentar e pelo voto aberto em todas as instancias legislativas.
- Contra o governo Alkmin. Contra Haddad e todos os prefeitos que aplicam os planos de ajuste antipopulares!

**Assinam:** Wellington Cabral dirigente do Sindicato dos Químicos de SJC. Nancy Galvão presidenta Diretório Psol/SJC. Manuel Iraola Executiva Psol/SP. Suzete Chaffin ex-candidata a prefeita de Jacareí. Gilberto Silvério ex-candidato a prefeito SJC. Décio Aparecido se Oliveira dirigente sindicato da Alimentação SJC. Alexandre Lisboa dirigente Sindicato Municipais São Sebastião. Alexsandro Castro diretório Guarulhos. Alexandre Alves professor estadual SP. Julieta Lui diretora Apeoesp. Brito diretório Embu das Artes. Professor Gilmarcos SJRP.

- |                                     |   |                                     |
|-------------------------------------|---|-------------------------------------|
| <u>PSOL- São José dos Campos</u>    |   |                                     |
| 1. Nancy de Oliviera Galvão         | 6. Decio Aparecido de Oliveira                    | 2. José Ferreira                    |
| 2. Wellington Luiz Cabral           | 7. Reginaldo de Medeiros                          | 3. David Richter Junior             |
| 3. Mauricio Santos dos Santos       | 8. Ricardo Ventura de Melo                        | 4. Mariza Rodrigues Lopes           |
| 4. Antônio Gilberto Silvério        | 9. Aguinaldo Rodrigues da Silva                   | 5. Marcelo Augusto Estevam          |
| 5. Elisângela Alves Silvério        | 10. Ricardo Nobuo Harada                          | 6. Vander Bitencourt                |
| 6. Ana Maria Lousada Amorim         | 11. Alcides Bueno de Camargo                      | 7. Michael Silva                    |
| 7. Lidia Lousada Cardoso            | 12. Isaias Aalves da Luiz                         | 8. Marcio Douglas Silva Souza       |
| 8. Marco Antonio Valva              | 13. Fernando de Sousa                             | 9. Eduardo Galesi                   |
| 9. Irene Maria Gomes Valva          |   | 10. Adriana Ribeiro                 |
| 10. Adriene Gomes Valva             | <u>PSOL- Aparecida</u>                            | 11. Cayke Thiago                    |
| 11. Mauro Amarair Borges            | 1. Demétrius Vicente Marcelino                    | 12. Rogério Gomes Moreira           |
| 12. Ana Helena Guimaraes Borges     | 2. Jaime da Silva                                 | 13. Sergio Moreira                  |
| 13. Valdemar Antonio Valentim.      | 3. Parnaiotes Silva                               | 14. Paulo Cesar dos Santos          |
| 14. Aparecida de Gregório Valentim. | 4. Ricardo Alexandre Pereira                      | 15. Francisco Rodrigues Lima        |
| 15. Juliana de Gregório Valentim.   | <u>PSOL- São Paulo Capital e grande São Paulo</u> | 16. Marineuza Celestino de Oliveira |
| 16. Valmir Lopes                    | 1. Mirian Rejane Teixeira Alberto                 | 17. Everton de oliveira Ferreira    |
| 17. Teresinha Raimunda Vieira       | 2. Alexandre Alves                                | 18. Lucas de Oliveira Ferreira      |
| 18. Vladimir Jorge Ferreira         | 3. Marcelo Augusto Estevam                        | 19. Sudário (Falcão) do Sta Lídia   |
| 19. Edna Valéria dos Santos         | 4. José Alexandre Roldan Rodrigues                | 20. Francisco Everardo dos Santos   |
| 20. Ildo Pereira                    | 5. Ronaldo Rodrigues da Silva                     | 21. Gilberto Evangelista            |
| 21. Maria Eugenia Pereira           | 6. Alex Alcazar Fernandes                         | 22. Paulo Oliveira                  |
| 22. Luiz Fernando Bernardes         | 7. Peter Ury Maradei Muller                       | 23. Tânia Regina Silva              |
|                                     | 8. Adriana Cristina Cunha Solimões                | 24. Maria Aparecida Souza           |
| <u>PSOL- Jacareí</u>                | 9. Marcelo Sabino dos Santos                      | 25. Viviane Cristina de Souza       |
| 1. Suzete Chaffin                   | 10. Lorena Fernandes                              | <u>PSOL-Embú das Artes</u>          |
| 2. Manoel Alberto Iraola            | 11. Gilmar dos Santos Soares                      | 1. Divani Fatima da Silva Santos    |
| 3. Davi Paulo de Souza Júnior       |   | 2. Sérgio Brito                     |
| 4. Juliana Leonor de Souza Camilo   | <u>PSOL- Guarulhos</u>                            | 3. Thiago Lima dos Santos           |
| 5. Edilson Camilo                   | 1. Alexsandro de Castro Costa                     | 4. Faustina Isabel                  |
|                                     |   | 5. Paulo da Silva                   |

6. Eliete Santos
7. Elizabeth dos Santos
8. Elizangela dos Santos
9. Jorge Filho
10. Neuza Bernardes
11. Vera OLiveira

PSOL-São José do Rio Preto

1. Gilmarcos Erik Murari
2. Anderson Rizzuti
3. Maria Alice Ferreira
4. Nelcides Aveiro Pereira
5. Gabriela Cattozatto Pereira
6. Leandro dos Reis
7. Alexandre Florencio Batista Murari
8. Gileuza de Cerqueira Murari
9. Alessandra Regina Sergio

PSOL-Arujá

1. Willian Cordeiro

PSOL-São Sebastião

1. Alexandre Lisboa Ferreira
2. Marcilene Ribeiro Gusmão
3. Gilberto Botelho Matoso dos Santos

PSOL- Paraibuna

1. José Prado Júnior

PSOL- São Roque

1. Flávio Stockler de Ramos Lima
2. Sergio José Botti

PSOL- São Carlos

1. Julieta Lui